

cartas escritas com a tinta umedecida nas lágrimas derramadas pelo médium de Deus, nas noites-madrugadas do Grupo Espírita da Prece.

Aqueles momentos constituíam-se em singular reunião de família, com o pai, do outro lado da vida, conversando conosco com naturalidade, posto que a elevada condição mediúnica do Chico o permitia.

A Rolando e Alda, também já no Mundo Espiritual, os filhos saudosos, os genros, noras, netos e bisnetos, o pequeno universo de suas vidas, consignamos a nossa gratidão, rogando que, da Vida Maior, nos inspirem e amparem sempre.

São Bernardo do Campo, 17 de novembro de 2012.

Caio Ramacciotti

Capítulo I

ROLANDO MÁRIO RAMACCIOTTI



Bauru/SP – 17 de novembro de 1913
São Paulo/SP – 13 de dezembro de 1979

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS

Rolando deixou-nos numa quinta-feira à tarde e, na terça anterior, dois dias antes, nas vascas da agonia, pediu-me, com insistência, que localizasse o Chico, pois desejava muito falar-lhe.

Como fazê-lo?

Imaginava eu que ele estivesse em Uberaba, e, mesmo que lhe telefonasse, meu pai, com a respiração tão desconfortável, não conseguiria comunicar-se.

Urgia um encontro pessoal.

Quando vinha a São Paulo, Chico Xavier hospedava-se na casa de Francisco Galves, a quem procurei na ânsia de que surgisse alguma luz que nos permitisse atender aos insistentes rogos do Rolandão.

Telefonei-lhe em torno das sete da noite, e, assim que expliquei o motivo daquela ligação, Galves me disse:

— Vou passar o telefone ao Chico.

Agradável surpresa, o Chico estava em São Paulo, não muito longe da alameda Campinas, onde nossos pais residiam desde dezembro

de 1978. Esperei segundos ansiosos até que ele me atendesse.

— Sou eu mesmo, Caio. O Dr. Bezerra pediu-me que não voltasse a Uberaba antes de visitar o nosso Rolando. Dentro em pouco, estarei com vocês.

Quando dei a notícia ao meu pai, as lágrimas lhe caíram pelo rosto sofrido.

Ao chegar, Chico abraçou-o comovido, osculou-lhe a face, e em seguida começaram a conversar.

Um longo monólogo...

Somente Rolando falou e por cerca de duas horas, extremamente ofegante, com inevitáveis pausas para recobrar a respiração.

E fez ao Chico minucioso relato de sua vida, com evidente destaque para as atividades doutrinárias, revigoradas após conhecê-lo em Pedro Leopoldo. Relembrou o que pôde realizar ao longo da existência e o que ainda não conseguira concluir.

Discorreu sobre a torrefação de café do Nosso Lar, os livros, a *Revista Comunicação*, as atividades do GEEM e suas firmes posições no movimento espírita. E não se esqueceu da esposa, dos filhos, de seus paternais anseios e apreensões

relativas ao futuro de cada um.

Prestava contas, como que procurando dizer ao amigo e benfeitor que tudo fizera para cumprir na Terra o que prometera antes de reencarnar...

O tempo voou, e, em torno das 22 horas daquela memorável noite, chamando-o pelo carinhoso apelido, Chico ponderou:

— Agora, Lando, você precisa descansar, para voltar logo ao nosso GEEM. Lá todos já sentem sua ausência.

E despediu-se com os olhos molhados.

Realmente, naquela terça-feira, Rolando descansou a noite toda, a despeito do desconforto respiratório.

Já na noite seguinte, na quarta-feira que lhe antecedeu a morte física, ouvi-o falar incessantemente.

Em seus solilóquios, anotei, amargurado, desde cediças solicitações à esposa, referentes ao dia a dia, a conselhos e sugestões a cada um dos filhos.

Na madrugada já avançada, interrompi-o e, dada sua grande aflição física, perguntei-lhe se precisava de alguma ajuda. Ele, afetuoso, me chamou a atenção:

— Você deve dormir, pois amanhã cedo precisa trabalhar.

E o turbilhão de palavras, muitas delas incompreensíveis, continuou a ecoar em meus ouvidos.

À tarde, menos de 48 horas depois da visita do Chico, partiu...

*

Após o triste 13 de dezembro de 1979, pedi licença de meu trabalho e mergulhei de corpo e alma nas Instituições, o Nosso Lar e o GEEM, conforme desejo do saudoso pai.

Um mês após o falecimento, fui visitar o Chico. Estávamos nos primeiros dias de janeiro de 1980. Sentia-me envolvido em uma aura de desolação que jamais conhecera.

Apreensivo ante o futuro, envolto em novas responsabilidades, confesso que me via como que caminhando em sáfaro deserto, amargando a sensação de que um pedaço de mim havia sido arrancado.

Quando nos vimos, Chico abraçou-me e disse:

— Caio, dói tanto a falta de nosso Lando...

Segurou-me as mãos, e dele ouvi, sem que ambos conseguíssemos sopitar as lágrimas, as mais belas palavras de gratidão ao velho companheiro que partira.

Nessa viagem de janeiro a Uberaba, fui sozinho e recordei, com o Chico, os momentos tristes do dezembro último.

Contou-me ele que, no encontro com Rolando, naquela noite de terça-feira, dois dias antes de seu desenlace, o Dr. Bezerra pedira-lhe para falar muito pouco e ouvi-lo atentamente, pois o querido amigo exporia o coração com sofridas palavras. Chegara a sua hora de partir...

SEIS MESES DEPOIS...

Já com a presença da família e amigos, na segunda viagem que fizemos a Uberaba, em junho de 1980, ao longo do trajeto de São Paulo a Minas, fui meditando sobre os tempos da infância, tristemente truncada pela minha saída precoce do lar, com pouco mais de 12 anos.

Garça, localizada entre Bauru e Marília, se esparrama no topo da Serra do Mirante. Tem a altitude e o frio semelhantes aos da São Paulo dos tempos da garoa, não obstante o clima seco tornar-lhe mais suportável o inverno. Enfeitada pelas cerejeiras em flor, é o portal de entrada da Alta Paulista.

Essa região, com acentuada migração japonesa, situada no oeste do estado de São Paulo, perlonga-se até as barrancas do Rio Paraná, na fronteira com o estado do Mato Grosso.

A casa de esquina da rua General Osório, onde então morávamos, não deixava os meus pensamentos.

Espaçosa e confortável, acomodava-nos a todos. Éramos dez, além da saudosa Benedita,

fiel colaboradora da dona Alda.

Os fortes matizes de florida primavera cobriam-lhe parte da ampla testada, e, no jardim que antecedia a edificação, meu pai plantou dois pés de café, e seus frutos vermelhos lhe davam imenso orgulho.

O quintal completava as duas 'datas' que formavam o terreno. Nele, próximo à edícula, havia uma colmeia da minúscula jataí, cujo mel suave nos deliciava.

Convivíamos com pés de jabuticaba, laranja baiana, fruta do conde, pêssego, pitanga, uma espaçosa bananeira e a nossa horta. Ao fundo, limitando o terreno, alongava-se extensa cerca viva de buchinha, enfeitando o muro.

Acompanhando em paralelo a parede externa dos quartos, em uma das laterais da casa, destacava-se enorme caramanchão, com o parreiral subindo pelos pilares de madeira e enlaçando-se em compacto teto de folhas e uvas verdes. Sob sua sombra vivia um arisco cervo, muito parecido com o idealizado por Walt Disney.

Quando me recordo do quintal saudoso de nossa casa, volto sempre o pensamento ao cajueiro da infância de um de nossos escritores

maiores, Humberto de Campos, que o cita em seu livro *Memórias*, ao descrever a infância modesta e o estrênuo esforço da mãe, solitária no sustento do lar, visitada que fora pela viuvez precoce.

Não faltavam em casa o galinheiro e alguns animais exóticos, como saguis indomestíveis e uma macaca-prego, cuja vivacidade o tempo não logrou apagar de nossas lembranças.

Quase tivemos uma jiboia como hóspede, mas D. Alda achou que era demais. A colossal serpente foi barrada, quando nos mudamos da casa antiga da rua Carlos Ferrari, em que residimos até 1949, para o novo lar defronte ao ginásio, na Vila Williams.

Uma caixa d'água elevada vigiava sobranceira a nossa herdade, qual torre de menagem dos castelos medievais. Próximo a ela e ao poço semiartesianos, ficava a moenda de cana.

Nos tempos de Garça, aos domingos pela manhã, antes de ir ao Nosso Lar, nosso pai reunia no quintal a molecada, que chegava de toda parte, e servia a deliciosa garapa que marcou época.

Todas essas lembranças muito me comoviam, acentuando a expectativa de que aquela

viagem a Uberaba poderia ser coroada com as notícias do Rolandão por meio do Chico.

Esse presente tão aguardado de fato chegou, como veremos na primeira mensagem que colocamos a seguir.

ESTOU AQUI!

(I Mensagem)

Alda, peço ao Senhor me auxilie e nos abençoe com os filhos queridos.

É espantoso o que me acontece. Sempre refleti nisso, mas sinceramente não acreditava.

Não acreditava pudesse vir a escrever correntemente as notícias que me proponho a externar.

E sucedeu o que não esperava. A princípio, fiz força com o Caio e com a Lúcia.

Os resultados vieram. Venci de algum modo as resistências de uns e as indecisões da filha, que afinal cedeu às minhas requisições.¹

Transmiti as notícias que desejava, tranquilizei a família, e isso me reconfortou o espírito combalido pela visita francamente imprevista de Dezembro.

Lembro-me de que ouvira convites a hospital e não consegui clarear meus contras. Escutava os argumentos a favor e me recordo de que o Montoro se referia comigo à viagem de consolação de que me reconhecia distante.²

Sentia que você fora desligada do quarto, decerto para que laços fortes não me retivessem no corpo inabilitado ao reajuste, mas percebia a presença do Caio, do Mário Rolando e do Paulo (seria bem isso?) ao meu lado.

Observei que uma força vigorosa me deslocava para fora de mim mesmo e orei no íntimo, se posso chamar por prece o estado de angústia em que me vi de momento para outro.

Tive a ideia de que estava sendo asfixiado de maneira incompreensível para mim, e o resto foi uma espécie de impulso externo para um túnel muito escuro que vareei, de improviso, reconhecendo-me em plena luz do outro lado.

Túnel é a ideia que estou cunhando em palavras para significar o estranho acontecimento, porque o espaço a que me vi arremessado parecia igualmente um tubo extenso, através do qual pude ver o meu corpo imóvel.

Escutei choro alto. Tenho a impressão de que o Mário Rolando me chamava. Por enquanto, não consigo precisar meus estados de espírito. Estava desapontado comigo mesmo. Afinal, supunha haver corrido para fora de mim próprio e quis apagar a fraqueza de que me vira objeto.

Tentei voltar ao veículo parado no leito, mas a força que me afastara persistia contra mim. No instinto de contrariar circunstâncias, não me rendi à oração, porque, no meu entender, a hora para mim não havia chegado.

Simple engano de homem habituado a determinar-se. Reagi quanto pude, mas o esforço terminou em abatimento. Caí, desalentado, num torpor miserável que me consumia o raciocínio.

Nada mais vi senão que despertei descansando o pensamento no regaço de alguém que julguei fosse você.

Cautelosamente me inclinei para assustá-la de leve, quando me reconheci sob o carinho da Dona Irma,³ cujos dedos passavam por meus cabelos.

O assombro gelou minhas energias. E foi preciso então recorrer a todas as minhas reservas de corajoso para aceitar a situação. Mas, naquela hora, querida Alda, o meu coração se fez um menino outra vez. Compreendi tudo e chorei, sabendo que a nossa casa na Campinas se fechara definitivamente para o homem físico que havia sido.

Onde estavam você e meus filhos, para me

*reintegrarem na realidade de mim próprio?*⁴

Minha mãe consolou-me como pôde, e outros Amigos vieram.

*O Aquiles, o Augusto Cezar, o Wady, o Jair, o Tato, aqueles meninos, ao que me parece, queriam substituir os filhos que eu deixara, e as lágrimas aumentaram-me no rosto, porque o coração era uma fonte que a dinamite da morte rebentara.*⁵

As sugestões de calma e repouso não me encontraram com a precisa aceitação. Afinal, estava desencarnado, mas não inútil. Decidira-me a vencer qualquer emoção e propunha-me a regressar, mas os instrutores maiores me asse- renaram.

Era preciso imaginar que o meu corpo era agora diferente, e a toxemia estava funcionando. Bastou lembrar os dias últimos para que a respiração se me fizesse difícil. O abatimento esmagara a coragem que pretendia demonstrar. E caí no leito novo para tratamento, sujeitando as vontades fortes ao freio da necessidade de separação.

Assistido por muita gente boa, a quantos me faziam presença perguntava por trabalho, até que não me toleraram mais os petítórios,

conduzindo-me ao apartamento e à nossa casa em São Bernardo. Encontrei você calma e confiante e surpreendi o Caio a me revisar os papéis.

Felizmente, há tempos, a ideia de preparação para qualquer circunstância difícil de superar me impulsionara a regularizar contas e documentos.

*Não adivinhei a morte, mas acertara com a vida. O Caio estava firme, instalado em meu posto e em meus pensamentos.*⁶

Desde então, continuo em meu processo de refazimento, que prossegue sob a assistência de vários Amigos com a supervisão do nosso devotado Batuira. Preciso fazer a triagem de meu próprio organismo espiritual. A liberação foi quase repentina, e voltei para cá da maneira em que estava.

Nem sempre conseguia me habituar com todos os companheiros. Um travo de incompreensão ou de luta me segregava o espírito, por vezes, em amargura e solidão íntima, e, por isso mesmo, devo encarar o problema com disposição e realismo.

Creiam você e os meus filhos que isso está sendo muito difícil.

Sei que Jesus conseguia aceitar a companhia de dois malandros para se retirar do mundo, no entanto, com todo o meu respeito ao Cristo, eu não sou o Salvador e devo estudar essa química celeste de misturar todos e chamá-los meus irmãos.

Reconheço que isso é meu dever e que a verdade está contra os meus pontos de vista, mas as Leis de Deus não criam violência a espírito algum.

Não posso aparecer diante de vocês com um hábito de franciscano, só porque a morte me obrigou a trocar de roupa. Em vista disso tudo, estou a esforçar-me.

Consegui permissão de cooperar, pelo menos em estreita faixa de serviço, com o nosso Caio nas tarefas do livro e partilhar do movimento dos lanches diários,⁷ sempre que possível, e vou seguindo na direção do reajuste necessário.

Avisam-me aqui que a solução do problema é fator de promoção espiritual, no entanto acredito que o meu pescoço duro de molejo gastará tempo a fim de mudar.

E sei que preciso mudar. Vejam só em que dá a sinceridade, quando permanece cristalizada.

Mas, seguirei em frente. Tenho recebido favores de Amigos diversos, inclusive do Juvenal,⁸ e vocês imaginam que estou em progresso lento, mas correto, dentro das minhas noções de coerência.

Vejo o nosso valente Cineas, o Israel, o Caio, o Virgílio, o Mário Rolando, o Fred, a Vânia e toda essa equipe de companheiros que estão em meu agradecimento constante e rendo graças ao Senhor Jesus pela felicidade desta hora.

Envio aos filhos e filhas, incluindo os netos, que represento na Flávia e na Flavinha, os meus votos de paz e felicidade em Deus.⁹

Parabéns ao nosso Décio, cujas imagens estão brilhando na divulgação de nossos princípios.¹⁰

Enfileiro todos os Amigos e cooperadores do GEEM em meu carinho e reconhecimento e simbolizo em nossa Thais¹¹ todos os corações da família e do grupo que se decidiram a colaborar em nossa festa diária do pão às crianças e clientes de nossa cantina.

Sou muito grato ao Montoro pela continuação do apoio à obra.

Agora, não precisará ele me convidar

para uma vista de olhos em Portugal, porque sou eu quem poderia levantar o convite. Mas, se for, seguirei com outros Amigos, porquanto os que ficaram, aí precisam permanecer. Estimaria listar nomes um por um, entretanto sou quase que intimado a largar o lápis.

Peço ao Caio considere que os nossos serviços de Dezembro começam em junho¹² e agradeço a ele, tanto quanto agradeço ao Virgílio, ao Plínio, ao Paulo, ao Mário Rolando, à Tereza, à Cristina, à Lúcia, às noras e aos genros quanto fazem por mim, auxiliando-me com as melhores lembranças.

Peço aos filhos, sempre generosos e atentos ao dever, me estenderem alguma colher de chá para as renovações de que ando necessitado.

Dizem que os espíritos desencarnados sempre se lastimam por trabalhos em que se omitiram; não é bem assim, mas, em meu caso, devo me queixar de despreparo ante as realidades iminentes sobre as realidades provisórias em que a pessoa humana se movimenta.

Agradeço os pensamentos amigos de nossas irmãs Yolanda Cezar e Acácia,¹³ pois recebo essas lembranças com natural reconforto. Estou na imposição de um agradecimento que a

situação me induz a fazer.

Trata-se do nosso Amigo Willo,¹⁴ a quem manifesto o meu agrado e a minha satisfação ante o material que o Amigo colocou à nossa disposição, pensando nos serviços de nossa creche.

Vejam que estou melhorando nos pontos da melhoria.

Preciso reconhecer o devotamento de um companheiro e não posso ignorar o dever de afirmar tudo isso.

Agora, é o final desta carta pelo Chico. Enfim, a nossa união prossegue, e, entrosados uns com os outros, sei antecipadamente que venceremos.

Aqui, declaro que nem sempre omissão é ingratidão. Sei que me competia rememorar todos os nomes, sem esquecer o Pedro, a Dona Maria,¹⁵ o Gessé e tanta gente nossa, mas todos se sintam lembrados, porque, se não lhes traço as firmas no papel, tenho todos os Amigos no coração.

Alda, Deus abençoe a você com seus filhos, que são nossos.

Fiz o que pude para vesti-los para a vida na Terra, mas o que falta pertence ao seu trabalho de Mãe.

Quando possível voltarei, conquanto esteja por aí no sempre de nosso intercâmbio.

Filhos queridos e queridos companheiros, estou muito grato a todos. Para a nossa Alda e para vocês todos um abraço com o reconhecimento do Amigo de todos os dias, sempre o companheiro muito grato,

Rolando

(28 de junho de 1980)

COMENTÁRIOS

O leitor deve ter observado nessa mensagem, como perceberá nas outras, a frequente citação do nome da esposa Alda e de seus oito filhos: Virgílio, Plínio, Caio, Maria Tereza, Paulo de Tarso, Maria Cristina, Maria Lúcia e Mário Rolando.

As demais referências mediúnicas, oportunas pelo momento que vivíamos, órfãos do pai e do orientador, arrolaremos a seguir, utilizando o mesmo critério para as outras nove mensagens, facilitando, assim, o entendimento do caro leitor.

Outras citações e conselhos dispensam comentários pela sua natural compreensão.

1) Tentativas de comunicação mediúnica pelos dois filhos citados, que ofereciam muita resistência. Rolando conseguiu quebrar a teimosia de ambos em nossas reuniões no Centro Espírita Maria João de Deus, inaugurado com a presença do Chico em junho de 1977.

2) Nos momentos finais de sua vida, aca-
mado na residência da alameda Campinas, em
São Paulo, o desconforto respiratório se lhe
acentuou com o agravamento de suas condi-
ções clínicas. Por isso, os filhos e amigos pre-
sentes insistiram em transferi-lo para a UTI de
hospital próximo, decisão que ele, com firme-
za, refutou.

Também naqueles instantes finais de sua
vida física, o amigo Roberto Montoro falou-lhe
de viagem próxima que sonhavam fazer a Por-
tugal. Desiludidos, perceberam que não haveria
mais tempo...

3) Referência à sua mãe, Sofia Vera Irma
Batini Ramacciotti. Falecida em 1973, recebeu-o
no Plano Espiritual.

4) Descrição de suas despedidas do corpo
físico. A clareza com que o faz evidencia-lhe o
preparo para a nova vida que o aguardava.

5) Aquiles Feldman, desencarnado em
1954, é irmão de nosso diretor Israel Feldman.

No **Capítulo XIV**, descrevemos a aproxi-
mação de Aquiles com o nosso grupo, ainda na

cidade de Garça.

Os outros jovens citados, Augusto Cezar
Neto, Wady Abraão Filho, Jair Presente e o
Tato (Carlos Alberto da Silva Lourenço) são os
coautores espirituais do livro *Jovens no Além*,
editado em 1975 pelo GEEM. Desencarnaram na
flor da idade física, retornando pelas mãos do
Chico, para consolar os genitores.

6) Sucedi a meu pai na direção das Insti-
tuições, o Nosso Lar e o GEEM. Em sua visita
espiritual, percebeu-me as apreensões ante a
nova realidade.

7) Interessante revelação que confirma a
sua presença em nosso ambiente de trabalho.
Após seu falecimento, ampliamos a frequência
do lanche de semanal para diária, providência
que o médium desconhecia!!!

8) Juvenal – luminoso espírito que lhe
apareceu, de modo surpreendente, na mocidade,
em São Paulo, em singular episódio que mais
adiante descreveremos.

9) Cineas Feijó Valente, Israel Feldman,

Frederico Alves e Vânia Jorge Alves, amigos e diretores do GEEM/Nosso Lar.

Flávia e Flavinha – suas netas.

Flávia, filha de Maria Tereza, faleceu logo após o nascimento, em 1972. O avô a reencontrou no Plano Espiritual.

Flavinha é filha de Maria Lúcia e nasceu poucos dias antes do recebimento da primeira mensagem.

10) Décio Ambrosio, um dos diretores de arte de nosso departamento editorial, ao lado de Laerte Agnelli e Gessé Alves Pereira, que também é citado no decorrer da mensagem.

11) Thais, minha esposa.

12) O pai sempre atento me adverte sobre a importância da edição da tradicional mensagem de Natal, que Chico nos enviava todos os anos.

13) Yolanda Cezar e Acácia Maciel Casanha, senhoras presentes à reunião.

D. Yolanda é a mãe do Augusto Cezar Neto, citado no início da mensagem.

14) Anton Willestein (Willo), seu amigo pessoal e dedicado colaborador do GEEM.

15) Maria e Pedro Maniero, então colaboradores do grupo e muito ligados ao Rolândão.